

FÉ ESCRITA: elementos literários da imigração italiana no Sul do Brasil

María Catarina Chitolina Zanini¹

Resumo: Este artigo tem por objetivos apresentar e analisar escritos elaborados por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, bem como salientar o quanto a religiosidade é um tema presente e recorrente nas mesmas. Considerando tratar-se de uma imigração que conta com mais de um século, a escrita, para as gerações contemporâneas, tem se revelado um instrumento bastante utilizável na conservação (e também construção) das memórias familiares, grupais, de localidades ou, mesmo, individuais.

Palavras-chave: literatura; italianos; memórias.

Abstract: This article aims to present and analyze literary productions drawn up by descendants of Italian settlers in Rio Grande do Sul (Brazil) and highlight how religiosity is a recurring theme present in this texts. This is a migration process that has more than a century and the writing activity proved to be a very usable tool in conservation (and construction) of collectives or individuals memories for the contemporary generations.

Keywords: literacy; Italians; memories.

¹ Possui graduação em Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS (1987), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília- UnB (1997), doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo- USP (2002) e Pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ) (2008). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em História. Pesquisador PQ 2/CNPq. E-mail: zanini.ufsm@gmail.com .

Este artigo tem por objetivo refletir acerca do diálogo possível entre escrita e experiência religiosa narrada por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil), em publicações impressas por eles realizadas. Há, na atualidade, uma vasta produção literária produzida e consumida por descendentes, e a vivência religiosa do catolicismo e seus conflitos e tensões é algo constante nesses escritos, tornando-os, de algum modo, instrumentos de expressão do que denomino de uma “fé escrita” bastante reflexiva e complexa. Compreendo os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul como grupos étnicos, no sentido de que se percebem e são percebidos como distintos (vide BARTH, 2000), no contexto do cenário regional, e vislumbro também que esta literatura tem desempenhado um importante papel de visibilização de determinado *ethos* e modo de vida tido como particular do grupo. A crença numa origem comum, como salienta Weber (1994), torna-se igualmente eficaz na construção dos grupos étnicos, e essa produção escrita tem, em certo sentido, fortalecido e ampliado tal sentimento de pertencimento e origem comum italiana. Essa literatura teria como um de seus desfechos a manutenção e constante atualização e revitalização dos sinais diacríticos mantenedores das fronteiras étnicas, algo, conforme Barth (2000), extremamente importante na constituição dos grupos étnicos.

A palavra escrita, trabalhada e exercida com muitas dificuldades entre alguns desses descendentes, quando conhecida e decifrada, revela trânsitos (PRATT, 1999) e deslizamentos por entre seus ditos, os quais apontam para a complexidade de mundos em que estes circulam. Mundos rurais e urbanos, holistas e individualistas, de trabalhadores da terra e de trabalhadores de outros meios, entre tantos outros cenários em que a escrita permite vicejar e emergir fecundos diálogos entre exterioridades e subjetividades. Alguns desses escritos assumem a forma missionária de

Tessituras

resgate de lugares, histórias familiares, de gostos, seres e trajetórias de vidas. Meus critérios para consideração de tais escritos como literatura não é estético. Considero importante, de antemão, antecipar esse argumento, para salientar que o que busco na análise de tal produção é a compreensão da negociação de sentidos produzida pela circulação dos escritos e não sua caracterização ou classificação do ponto de vista literário. Outro aspecto importante possibilitado por essa produção e circulação literária é a constante partilha e revivificação de memórias que, ao serem invocadas, findam por serem constantemente reconstruídas e atualizadas narrativamente (ZANINI, 2006). Por memória, entende-se, conforme Halbwachs (1990), as leituras do passado elaboradas no presente, numa constante dialética entre indivíduo e partilha coletiva. Tais memórias, revitalizadas, atualizadas e alimentadas por esses escritos se tornam elementos que legitimam os pertencimentos e suas linguagens, produzindo novas formas, trânsito e circulação de significados.

A religiosidade assume um papel importante nesses escritos, sendo narrada como algo simbiótico às suas histórias de vida e à história dos lugares. Muitas vezes, ela é invocada também como um registro do que seria mais correto e melhor comparativamente aos dias atuais, em que alguns valores morais estariam frouxos entre as gerações jovens. Para os descendentes “antigos”, estaria havendo um afastamento das gerações novas do catolicismo vivenciado e apreciado pelos antigos, que possuía normas, regras e valores mais fechados quanto à sexualidade, casamento, família e ao papel feminino no mundo social.

Por antigos se entende, na classificação nativa, aquilo que remonta a um tempo passado de vivências e de sentido (ZANINI, 2006) e não a uma temporalidade datada. Tal tempo é relativo e demarca uma mudança na compreensão de consumo, sexualidade, religiosidade, família, trabalho, entre outros aspectos que são postos em comparação com os valores vivenciados na contemporaneidade pelos descendentes. Trata-se de um demarcador simbólico. Quando os descendentes mais jovens se referem ao

“tempo dos antigos”, que pode em determinados casos ser aquele de seus pais, noutros de seus avós, querem ressaltar que houve alterações de estruturas de significado entre ambas. Não é um tempo fechado e nem absoluto, mas sim relativo. Por religiosidade compreendo a vivência e identificação de um determinado universo cosmológico de significação do mundo². Trata-se tanto de um conjunto de crenças e valores, quanto de práticas que historicamente dialogam (tensamente, por vezes) com aspectos doutrinários considerados atemporais. Alguns dos escritos a serem analisados neste artigo apontam para essa especificidade.

Tenho conhecido e lido vários escritos de descendentes de todo o estado, desde o ano de 1997, quando iniciei pesquisa etnográfica na região central do Rio Grande do Sul. Desde aquele momento, venho, de formas diversas, estudando a imigração italiana no estado e ampliando minhas compreensões acerca do processo migratório de italianos e seus descendentes para a região Sul do Brasil. Alguns de meus entrevistados me apresentavam os livros que possuíam em suas casas ou indicavam outros dos quais tinham ouvido falar, e assim fui sendo introduzida na circulação desses “bens” e ampliando meu conhecimento das possibilidades e diversidades dessa produção escrita. O desejo de muitas famílias de terem suas histórias escritas e publicadas era algo visível e, muitas vezes, a presença do pesquisador era um incentivo a mais para esse desejo e para a possibilidade de que algum membro da família pudesse fazê-lo. Não era incomum eu também ser convidada para colaborar na escrita das histórias familiares.

O livro escrito, impresso e circulando se tornava um símbolo da migração bem-sucedida, de uma determinada ascensão e sobrevivência cultural, e a importância que a ele atribuíam era algo que chamava minha

² Para Geertz (1989, p.136), “A religião é sociologicamente interessante não porque, como o positivismo vulgar o colocaria, ela descreve a ordem social (e se o faz é de forma não só muito oblíqua, mas também muito incompleta), mas porque ela – a religião – a modela, tal como o fazem o ambiente, o poder político, a riqueza, a obrigação jurídica, a afeição pessoal e um sentido de beleza”.

atenção³. Esses escritos eram considerados extremamente importantes para as famílias, para os lugares ou para as pessoas que os tivessem ou que fossem deles personagens. Eram apresentados como um símbolo da distinção daquela família que, nas visitas que eu fazia, podia mostrá-los como um elemento legitimador de suas histórias e do que elas próprias me narravam. O livro seria um documento do dito, algo que ali, em sua presença, testemunhava legitimidade.

Meu objetivo, por meio da análise desses escritos, é compreender, como salienta Archetti (1994), o trânsito possível entre identidades e produtos literários. Enfim, como essas pessoas se colocam no texto por meio da palavra escrita. Neste artigo, em especial, compreender as narrativas acerca das experiências religiosas do descendente de imigrante italiano. No interior dessa vasta e complexa produção literária, há intelectuais reconhecidos, religiosos, donas de casa, camponeses, ferreiros, alfaiates, carpinteiros, químicos, advogados, comerciantes, entre outras profissões. Há mais homens que mulheres escrevendo e há mais membros das classes médias que de outros estratos sociais. Contudo, creio que essas constatações somente ressaltam uma tendência, não uma determinação dessa produção escrita, que continua crescendo em número e em diversidade⁴. Alguns dos descendentes investem no projeto literário ainda jovens; outros decidem fazê-lo ao longo de suas vidas; outros, ao sentir que estão envelhecendo e suas memórias e histórias não são compartilhadas como gostariam. São muitas as justificativas encontradas nas obras, ressaltando a importância de deixarem seus relatos escritos. Porém, a escrita e a publicação são sempre um investimento, tanto de tempo, de recursos financeiros, de afetos, de lembranças, como também de expectativas coletivas que acompanham esse processo.

³ Nos anos de 2007 e 2008, fiz um pós-doutoramento no Museu Nacional (UFRJ), trabalhando, metodologicamente, essa literatura.

⁴ Alguns títulos são disponibilizados para venda no site <http://www.esteditora.com.br/>, com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul: breve retrospectiva

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul teve início, em termos quantitativamente expressivos, a partir de 1875, quando as famílias de emigrados foram encaminhadas para as três primeiras colônias (Conde D’eu, Princesa Isabel e Campo dos Bugres), na região serrana do estado. Em 1877/78, iniciou-se a imigração para a região central do estado, com a criação da Colônia Imperial Silveira Martins (vide os relatos de ANCARANI, s.d.). A composição populacional daqueles emigrados era, em sua maioria, de famílias católicas, camponesas e provenientes do Norte da Itália. Outra característica relevante de se salientar era o fato de que eles buscavam, por meio da emigração, melhorar suas condições de vida e, no caso das massas que rumaram para as colônias do Sul, tornar-se proprietários de terras. Contudo, considero importante acrescentar a esta leitura do processo migratório, o fato de que aquelas populações desejavam, igualmente, manter vivo determinado modo de vida e de cultura (GROSSELLI, 1987; ALVIM, 1986), mantendo-se camponeses e católicos, coisa que na Itália, devido aos avanços do capitalismo e das disputas religiosas, já não era tão fácil (SCALABRINI, 1979).

Ao migrarem para o Rio Grande do Sul, mantiveram-se majoritariamente católicos e camponeses. Com eles, a Igreja Católica também migrou para o Brasil, ampliou-se e manteve seu poder. Importante ressaltar que, no início do processo colonizador, não havia sacerdotes para todas as colônias. Criou-se, assim, a figura do padre leigo, que coordenava e liderava a execução de tarefas religiosas “próprias de qualquer cristão”, como salienta Battistel (1981, p. 8). Para Santin e Isaia (1990, p. 18), naquele momento, a prática religiosa, para o imigrante italiano, “nada mais era do que a confirmação de seu trabalho, de suas aspirações e de sua vida, dependentes do cultivo da terra”. Tratava-se de uma religiosidade atrelada ao trabalho camponês e seus ciclos.

Do ponto de vista político, é relevante lembrar, de acordo com a história italiana, que, na década de 70 daquele século, quando para cá rumaram aquelas famílias, não havia a constituição fundamentada de um Estado Nacional italiano, nem de uma identidade nacional unificada. Aqueles indivíduos se percebiam como pertencentes aos *paese* (localidades), falantes de dialetos específicos, com crenças e hábitos particulares. Para De Boni (1980), o idioma comum dos primeiros imigrantes italianos era a catolicidade, característica que possibilitou a coesão entre eles. A categorização de “italiano” foi algo que se estabeleceu no decorrer do processo migratório, já em terras brasileiras, no confronto com os nativos aqui encontrados (ZANINI, 2006). Produziram-se e foram produzidos como “italianos”, em sinal de distinção em relação às populações nativas, por eles consideradas menos civilizadas e desenvolvidas. Aliás, as narrativas do processo migratório enfatizam largamente o papel civilizador dos pioneiros, sua capacidade de trabalho e de desenvolvimento das localidades por eles colonizadas.

Historicamente, um período tenso, que é importante de ser mencionado na trajetória desses imigrantes e seus descendentes em solo brasileiro, se deu durante o Estado Novo (1937-1945), quando, no contexto político e conflitivo da II Guerra Mundial, japoneses, italianos e alemães foram perseguidos (DALMOLIN, 2005; ZANINI, 2005 e 2006; SGANZERLA, 2001). Tendo o Brasil entrado na II Guerra Mundial, lutando contra o Eixo, formado por Itália, Japão e Alemanha, os descendentes desses grupos que aqui habitavam foram compreendidos pelo governo brasileiro com “perigosos”, especialmente, após 1942. Houve prisões e repressões públicas a indivíduos que teriam desacatado ordens ou, simplesmente, por que estavam falando em italiano ou expressando idéias que poderiam ser consideradas antipatrióticas. Após esse período repressivo, houve certo silêncio quanto a manifestações mais públicas das vivências da origem italiana e também de culto à italianidade. Há que se ressaltar que a legislação do Estado Novo proibiu o uso dos dialetos e da língua italiana, das formações associativas e

do exercício de outros modos de sociabilidade, inclusive religiosas.

Quando do início de minha pesquisa entre descendentes de imigrantes italianos, muitas famílias na região central do estado já haviam perdido parte de seu histórico de imigração, o que não as desestimulava do intuito de deixar algo escrito para as gerações vindouras. Durante os acontecimentos do período do Estado Novo (1937-45), houve forte repressão em nível local, de modo que muitos documentos, passaportes, pertences, escritos e uma série de outros objetos foram queimados, enterrados ou destruídos para não comprometerem as famílias, uma vez que a posse destes era considerada elemento de traição à pátria brasileira. Os imigrantes e seus descendentes foram proibidos de falar seus dialetos, de rezar neles e mesmo de ter associações e lugares coletivos que expressassem seus pertencimentos à Itália (vide ZANINI, 2005 e 2006; DALMOLIN, 2005; SGANZERLA, 2001), na época, inimiga de guerra do Brasil. Assim, parte da referência impressa que haviam trazido da Itália, perdeu-se.

Em termos regionais, foi após as comemorações do Centenário de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, que se deu forte estímulo para a produção de livretos, livros, autobiografias, memórias pessoais e familiares, história de localidades, genealogias, sagas familiares, livros de receitas culinárias, de rezas, de cantos (os *cantici*), de provérbios, de tirinhas em quadrinhos. No presente, parte dessa produção literária é editada, distribuída e divulgada pela EST Editora, que era, até há pouco, coordenada pelo frei capuchinho Rovílio Costa (professor universitário aposentado), reconhecido pesquisador da cultura italiana no Rio Grande do Sul. Contudo, há outras editoras de cunho mais acadêmico, tais como a Editora Maneco (de Caxias do Sul), a Editora UPF (Universidade de Passo Fundo), a Editora da UCS (Universidade de Caxias do Sul), a Editora da Unijuí (Universidade de Ijuí) e, nos últimos anos, a Editora da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do RS), entre outras, que também publicam essa produção. Grande parte desses estudos acadêmicos é produzida por descendentes, o que compreendo como uma

tentativa de construção grupal sobre sua própria história, antes narrada por vozes “estrangeiras” e nem sempre em sintonia com suas próprias leituras dos acontecimentos. Nesses escritos, observam-se tentativas de valorização dos grupos, de localidades e de seus valores e costumes, tornando-os objeto de estudo ou de escrita. Porém, meu grande *corpus* de análise foram os escritos externos a esse universo acadêmico, produzidos domesticamente e sem pretensões de rigor acadêmico, com respeito a regras gramaticais, metodológicas ou estéticas. O impulso para tais escritos estava no desejo de registrar o passado dos ancestrais, seus hábitos e costumes, das localidades colonizadas, bem como de perpetuar essa narrativa para os descendentes.

Fé escrita: manifestações literárias e de religiosidade

São vários os estudiosos da imigração italiana que salientam a importância da religião entre os descendentes de imigrantes italianos contemporâneos, bem como entre seus antepassados, os imigrantes (vide DE BONI e COSTA, 1984; DE BONI, 1980; SANTIN, 1986; MANFROI, 2001; BENEDUZI, 2008; VESCIO, 2001; KARSBURG, 2007; VENDRAME, 2007; BIASOLI, 2010). De acordo com Manfroi (2001), a religião foi uma força dinâmica e integradora entre os colonos italianos no estado do Rio Grande do Sul, oferecendo-lhes um enquadramento cultural no qual eles se reconheciam e expandiam. Nos relatos do memorialista Julio Lorenzoni (1975), quando de sua chegada na colônia Silveira Martins, em 1877, um dos elementos de insatisfação por parte dos recém chegados era a falta de assistência religiosa, fazendo com que se sentissem em abandono em meio a uma terra por eles desconhecida. Houve comemoração quando da realização da primeira missa e da visita de um padre.

Como ressaltado por Dom José Barea, quando dos festejos do cinqüentenário da colonização italiana no estado:

Tessituras

Chegados ao seu novo destino, longe do convívio humano, o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse do assalto do animal selvagem e do extermínio das enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite sua familiazinha ao redor da parca mesa, recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila, cheia de fé na Providência Divina. Sem parteiras e sem médicos, numa época em que a falta de higiene e de toda a comodidade era a nota características, viu crescer ao seu redor filhos são e robustos (BAREA, 1995, p. 15).

De acordo com De Boni (1980), o idioma comum dos primeiros emigrados italianos para o Brasil não era a italianidade, mas sim a catolicidade, como já salientado anteriormente. Provenientes de regiões distintas da Itália e falantes de dialetos diversos, o que os unia enquanto grupo, além da experiência migratória partilhada, era a ordem de mundo e capacidade comunicativa propiciada pelo catolicismo que traziam. Composta de muitas contradições e complexidades, com certeza, a relação entre catolicismo e italianidade ainda merece ser melhor conhecida no Rio Grande do Sul. Contudo, conforme Santin e Isaia, no interior do mundo católico haveria ainda a diversidade de devoções e de costumes (1990, p. 10). Cada localidade tinha seu santo padroeiro e suas devoções específicas, não raras vezes competindo entre si na construção das mais belas capelas e igrejas.

Dando-se conta do tamanho do processo migratório, a Igreja Católica não tardou em se enraizar junto aos emigrados, vide a força e o tamanho das congregações religiosas em todo o estado (DREHER, 2002). Além disso, durante muito tempo, foram esses descendentes de migrantes que se tornaram religiosos e religiosas, fazendo com que as vocações religiosas fossem algo privilegiado e numeroso entre eles. Tratava-se, igualmente, de uma forma de sobrevivência da condição camponesa, pois, ao tornar um filho religioso, ele não entrava na partilha das terras (já poucas), como também tinha a possibilidade de ascensão social via estudo. Tanto homens como mulheres eram incentivados a seguir a vida religiosa e a se tornarem membros das diversas congregações existentes no Rio Grande do Sul. O

padre possuía um alto *status* social e era muito respeitado (HEREDIA, 1979). As colônias italianas foram consideradas, por muito tempo, um “celeiro de vocações” de religiosos católicos, exportando sacerdotes para o país inteiro. Outro papel importante desempenhado pela Igreja Católica foi, como apontam Giron e Heredia (2007, p. 119), o de inserir os imigrantes na sociedade brasileira. Não se deve esquecer que o Brasil era e é, também, um país católico, de modo que a religião sempre foi um elemento propiciador de diálogo entre italianos e brasileiros, apesar dos estereótipos e adscritivos estigmatizantes existentes em ambos os grupos quanto às diferenças de gostos e comportamentos.

Observa-se que a ordem de mundo permitida pela religião (vide DURKHEIM, 1996) faz com que o indivíduo, em meio a uma situação de ruptura como é um processo migratório, consiga dela retirar “forças”. Outro elemento importante era a simbologia agregada à construção das igrejas, sempre grandes e majestosas, em meio, por vezes, a um quadro de maior simplicidade de vida entre os imigrantes e seus descendentes. Os capitéis também foram outra expressão de vivência religiosa, quando, não tendo templos maiores, em torno daqueles se reuniam para rezar o terço ou, mesmo, para fazer uma oração quando em trânsito. Na região da IV Colônia de Imigração Italiana, ainda há muitos desses capitéis, que são cuidados e adornados pelas famílias. Segundo De Boni e Costa (1984, p. 123), o catolicismo praticado pelos descendentes de imigrantes italianos era um “catolicismo popular”, em que o mundo da religião era também o mundo da tradição⁵. Essa religiosidade era, igualmente, fortemente marcada por simbologias e ritualidades. Os autores, invocando um descendente de italianos, também estudioso do grupo, apontam que:

⁵ Para os autores, “O critério de pertença à religião mede-se pela assistência ao que o grupo classifica como relevante – relacionado geralmente com peregrinações, procissões e solenes festividades, ligadas quase sempre a fenômenos naturais, e quase sempre marcados por isso que Galileia denomina de tendência motriz do catolicismo popular: o gosto pelo movimento” (DE BONI e COSTA, 1984, p. 123).

Olívio Manfrói, em páginas clássicas, nas quais transparece muito de recordações da infância, demonstra que a religião dos imigrantes “era, acima de tudo condicionada pelo auditivo e o visual”. Uma religião de festas aparatosas, de foguetes, de procissões e de sinos, de paramentos vistosos e de andores enfeitados, de cantos entoados a plenos pulmões e de sermões retumbantes, de bandas e de incenso, de carros, desfiles e morteiros, de missas “in terzo”, de ladainhas e vivas. E nestas solenidades todas, a simples presença é que importa (DE BONI e COSTA, 1984, p. 125-6).

Dentre as práticas mais comuns entre os emigrados e seus descendentes estão a reza do terço⁶, em casa (em família) ou nas capelas ou Igrejas; a devoção mariana (à Virgem Maria); a ida à missa aos domingos e o cuidado com os dez mandamentos ou com as regras básicas de convívio entre humanos e do humano com o sagrado⁷. A não obediência aos dez mandamentos geraria culpa e penitência, que somente poderiam ser sanadas por meio de expiação. Trata-se de uma religião em que o controle sobre a sexualidade, os desejos e a intolerância são constantes.

A prática dos sacramentos também é bastante exigida e para a qual os descendentes se organizam e direcionam suas existências. Os sacramentos começam com o batismo, quando a criança é ungida com água e apresentada ao cristianismo. Trata-se de sua inserção no universo cristão, ainda bebê. O sacramento da confissão ocorre quando os indivíduos narram seus pecados ao padre e este lhe concede perdão por meio de penitências. A eucaristia ou comunhão se dá quando, ritualmente, ao comer a hóstia consagrada, comunga-se com o sagrado. O matrimônio, pelo qual os casais são reconhecidos como tais perante a Igreja, é outro sacramento. Por fim, a unção dos enfermos acontece quando o sacerdote ritualmente trabalha pela

⁶ Segundo Costa (1986, p. 93), citando Sponchiado, a oração essencial da família era o terço. “Que quadro sugestivo: homens, mulheres e crianças, cansados pelos trabalhos, dizendo, de joelhos, à luz do fogo de lenha, a ave-maria em latim. Os homens recitavam a primeira parte; as mulheres, a segunda. Após o terço rezavam vários pais-nossos na intenção daqueles que permaneceram na Itália; no final, o bendito seja Deus, oração que concluía todas as orações, públicas ou familiares, dos italianos” (SPONCHIADO, 1961).

⁷ Os mandamentos seriam: 1º - Amar a Deus sobre todas as coisas; 2º - Não usar o Santo Nome de Deus em vão; 3º - Respeitar o dia Domingo e os dias de festas; 4º - Honrar pai e mãe; 5º - Não matar; 6º - Não adulterar; 7º - Não roubar; 8º - Não levantar falsos testemunhos; 9º - Não cobiçar a mulher do próximo; 10º - Não cobiçar as coisas do próximo.

cura do enfermo. O matrimônio era uma exigência muito observada, e se considerava questão de desonra não respeitá-lo. Pelas regras grupais, não poderia haver vida sexual fora deste. Em muitos escritos, ele aparece narrado com bastante ênfase, dando a conhecer como era a ritualidade desse sacramento. Antonio Ducatti Neto, em suas memórias escreve:

O casamento religioso teve lugar na Igreja de Floresta no dia 3 de setembro de 1933... Após a cerimônia na Igreja, os convidados foram recepcionados em minha própria residência onde foi servido um lauto jantar: ocasião em que nos seria reservada uma grata surpresa: a presença da Banda de Musica que ali compareceu espontaneamente, a fim de homenagear o seu maestro e sua jovem esposa. Um fato que desejo salientar é que, após o casamento, não houve nenhuma viagem de núpcias. A lua-de-mel foi passada em casa, como, aliás, era costume no meio rural... (DUCATTI NETO, 1979, p. 118).

Nos vários ciclos da vida, do nascimento à morte, a religião estava sempre presente. No contexto da emigração, quando se viram em situação de ruptura, a religião foi por eles invocada como elemento de identificação, conforme ressaltado por Fochesatto (1977, p. 25), em sua obra sobre a importância do culto aos mortos entre os descendentes:

O imigrante Pedro Ferronato relata que nos momentos difíceis da viagem, o terço era nossa segurança e conforto. Logo que aqui chegamos, nossa primeira obrigação foi procurar uma igreja e entoar os louvores a Deus, agradecer a viagem que havíamos feito, bem como rezar pelos que havíamos deixado na Itália. Nossa grande devoção era Nossa Senhora do Caravaggio. Aqui no Rio Grande do Sul, sempre que rezamos o terço, todas as noites e, na minha casa, até que eu estiver vivo, este costume será sagrado (FOCHESATTO apud COSTA et al., 1975, p. 109).

Ao conviver com os descendentes de italianos atuais, observei o quanto a religiosidade ainda é um valor extremamente importante entre os mesmos, especialmente para os mais idosos, que têm no catolicismo e sua prática um importante elemento de constituição grupal e pessoal. Contudo, observei que, se para as gerações mais novas a prática do catolicismo não era tão intensa, elas se definiam como católicas e/ou portadoras de “fé” (ZANINI, 2006). O que ocorre é um maior distanciamento do controle

exercido pela Igreja Católica e também de uma ritualidade regrada como existiam no passado. Com o florescimento dos valores individualistas e uma noção de projeto individual, esses jovens não aceitam com passividade o controle sobre o que consideram ser escolhas individuais, como a sexualidade ou a profissão, por exemplo.

Não se pode esquecer que, para aquelas populações de imigrantes, sem muitas opções de sociabilidade, a vivência e os rituais religiosos eram uma fonte de entretenimento e de lazer, como escreve Busanello (1999), em sua obra:

os velhos emigrantes, muito apegados aos próprios costumes religiosos, e muito dados a devoções e festas religiosas, não achavam nenhuma dificuldade em cantar ladainhas, salmos, vésperas, ou qualquer missa “coral”, a várias vozes, assim como se fazia na Itália. Era a coisa mais natural do mundo, e ninguém se dispensava de tomar parte do conjunto, senão por motivos de força maior. Para colaborar ninguém precisava ser convidado, ser avisado, e muito menos ter diante dos olhos as notas de música escrita. Bastava conhecer a melodia. Um ou mais faziam a primeira voz; os outros, uma terça mais baixo, a segunda; e o baixo era feito corretissimamente de ouvido (BUSANELLO, 1999, p. 79).

Para Santin (1986, p. 8), o sino era um dos símbolos religiosos mais apreciados pelos imigrantes que nele percebiam “um símbolo de uma língua universal”. Para o autor, “a capela, o campanário e os sinos constituíram a essência de toda a vida e de todo o universo do imigrante italiano em sua nova pátria” (SANTIN, 1986, p. 13). Segundo ele, os muitos símbolos da catolicidade permitiam aos emigrados um “manancial de forças” (SANTIN, 1986, p. 17), e a religião poderia ser interpretada como um “refúgio” (SANTIN, 1986, p. 17). Como observa Zanini (2008), nas regiões de colonização italiana, é comum uma espacialização do universo do sagrado, por meio da construção de capitéis, capelas, igrejas, grutas e outros lugares de significação religiosa. Trata-se de uma domesticação daquele espaço considerado hostil, encontrado pelos pioneiros.

A religiosidade era importante tanto como uma ordem de mundo

Tessituras

quanto para estabelecer, fortalecer e frutificar relações sociais, como a matrimonial que, como já salientado, era de extrema importância para os imigrantes e seus descendentes. Para as mulheres que possuíam uma vida pública modesta, ir à missa aos domingos ou aos terços era um dos poucos momentos de vida social. Nesse aspecto, também a religiosidade, para elas, era algo visto positivamente. Durante minha pesquisa de campo, encontrei relatos acerca de como a missa dominical era um momento de encontros, de festa para aquelas mulheres que viviam o mundo do trabalho camponês em tempo integral. Aos domingos, os sapatos e vestimentas melhores eram disputados entre os irmãos para ver quem poderia ir à missa bem apresentado. Quando não havia vestimenta decente para todos os filhos e filhas, fazia-se um rodízio de idas. Outra característica dos encontros religiosos era o início dos namoros entre os jovens que, no passado, eram muito reprimidos em suas expressões públicas de afeto:

Conforme o costume da época, após a Missa dominical, os rapazes acompanhavam as moças até uma certa distância. Vitório ficou encantado pelo porte e modéstia de Catarina que a seguiu até a sua residência, a fim de se fazer conhecer. Como o afeto foi recíproco, trataram do casamento. O pai dela, porém, não estava muito satisfeito, por não conhecer bem o pretendente (GALEAZZI, 1975, p. 82).

A descendente Adriane Tomasin de Toni, ao escrever a história de sua família, narra que:

Aos domingos de manhã, era costume, quando possível, ir à capela ou à igreja para participar da Santa Missa. Os homens aproveitavam o domingo para se encontrar com os amigos e jogar bochas, baralho ou mora. Jogavam pelo prazer de jogar, não por dinheiro. Quando muito, apostavam tragos de caninha, vinho ou no máximo animais. As mulheres não participavam de jogos e a sua diversão era o encontro com as amigas. Na ocasião, trocavam notícias enquanto passavam o tempo costurando, bordando, pregando botões ou fazendo trança (DE TONI, 2002, p. 29).

A mesma, autora, na mesma obra, narrando *A paixão de Domingos*

(seu antepassado), escreve que:

Os pais de Dosolina Belluzzo residiam a uns 3 km de distância da casa de Antonio de Toni. Quando Dosolina ia à missa dominical, de mula ou cavalo, passava em frente à casa de Antonio. Domingos, que então tinha dezesseis anos, começou a se interessar pela jovem de quinze anos. Um certo dia, Domingos decidiu aguardar Dosolina passar para aproveitar a ocasião e se aproximar. Foi o que fez, e assim tudo começou. Em certos domingos acompanhava-a até um determinado ponto da estrada e com o passar do tempo pode chegar até a casa da moça... (DE TONI, 2002, p. 39).

Antonio Mottin (s.d.), em suas memórias, narra o quanto a vida cotidiana era também atravessada pelos rituais e ciclos religiosos: batismo, catecismo, crisma, etc. Diz ele:

Nessa época, eu já entrando pelos seis anos começava a freqüentar o catecismo, domingos à tarde na capela de Santo Antonio e aos poucos ia para a escola da professora Rosina Rasteli, que tinha uma sala na casa dela, perto da capela... O catecismo era dado em italiano vernáculo. A compreensão dos textos era bastante confusa quer pela falta de atenção quer pela diferença de língua... No domingo á tarde havia catecismo para as crianças e depois, as 16 horas, o terço cantado na capela. Algumas pessoas iam à missa na Igreja matriz, tinham cavalo ou mula para transporte ou alguma carreta que lavava mais gente. A missa das 8h30min era a dos colonos e reunia as pessoas dos diversos pontos da paróquia. A missa e o sermão e aos avisos era tudo feito em italiano. Papai e mamãe iam quase sempre a essa missa (MOTTIN, s.d., p. 29).

Além disso, ressaltar a fé era algo importante, como aponta Sergio Ângelo Grando, no poema abaixo denominado de *On marco de fede* (Marco de fé):

Su quel monte c'è una crose,
de distante se la vede.
L'è on marco de la fede
De noialtri lavoraturi.

Rente será, al porterno,
Quando el sole se tra,
In ómbria de quela crose,
Tante volta on prega.

Tessituras

Par la piova, par el sole;
 Par raccolti végnier bei.
 Ma, dopo voltá la schena
 Semo pedo chei i giudei.

Tanti semo tirani,
 Altri sono bevituri.
 Staltri, gran bestemaduri.

Peró fede no la manca... (GRANDO, 1995, p. 40)⁸.

O que se observa neste trecho do poema é toda uma construção de mundo que atravessa a religiosidade: o lugar dos homens, o bom e o mau, os valores, as hierarquias, a cruz como símbolo e, também, a percepção de que, apesar do excesso de humanidade, ainda teriam como mérito sua fé. Esta é considerada um bem, algo por vezes transmitido entre gerações (vide ZANINI, 2007 e 2008). Além disso, a espacialidade regrada e constantemente invocadora da catolicidade era parte do cotidiano dos imigrantes e dos descendentes de italianos: cemitérios, cruzes, capitéis, capelas, igrejas, entre outros.

Nas casas, igualmente, havia os espaços e os símbolos da vivência religiosa cristã: santos e santas pelas paredes, pequenos altares quando

⁸ Tradução livre de Silvino Santin e da autora:

Sobre aquele monte há uma cruz,
 de longe se vê.
 É um marco da fé
 de nós trabalhadores.

À tardinha, no posterno,
 Quando o sol se põe,
 Na sombra daquela cruz
 Muitas vezes nós rezamos.

Pela chuva, pelo sol:
 Pelas colheitas crescerem bonitas (belas)
 Entretanto, depois de viradas as costas
 Somos piores que os judeus

Muitos somos tiranos,
 Outros são beberrões,
 Outros mais, grandes blasfemos (blasfemadores)
 Entretanto, fé não falta.

Tessituras

possível, terços, cruzes, águas bentas, enfim, uma série de pequenos elementos que faziam com que o tempo e o espaço fossem invocadores também de revitalização de crenças e de rituais (grandes ou pequenos como o ato de fazer o sinal da cruz, por exemplo). Vida e religiosidade, com certeza, em muitos desses escritos se tornam simbióticos, fazendo parte intrínseca das trajetórias de vida dos indivíduos narradores. Tendo se percebido humanos por meio da religiosidade, era nela que se humanizavam e se espelhavam, como ressalta Severino Bellinaso, um dos escritores mais lidos na Quarta Colônia de Imigração Italiana, na região central do estado: “aqui nesta casa nós construímos e concretizamos o sonho de edificar uma família alicerçada no tripé: deus, família e trabalho” (1995, p. 55).

Carlesso (1989), ao escrever a história de seus antepassados, ressalta que:

Com a descrição deste cenário podemos hoje remontar a realidade vivida por Bernardo, Ângela e os três filhos. As dificuldades, sacrifícios e, certamente, a fé inabalável de que eram possuídos. Só assim podemos ao menos absorver e gravar mentalmente a grande aventura dos nossos ancestrais (CARLESSO, 1989, p. 75).

Ressalta o descendente que a educação dos filhos era responsabilidade da mãe: “Ela ensinava as orações, as devoções, como as crianças deviam se comportar, assim como as demais regras que mantém o grupo coeso com espírito coletivo” (CARLESSO, 1989, p. 82). Dessa forma, família, papéis sexuais e religiosidade caminhavam juntos. Talvez por essas questões, as gerações mais velhas se ressentem do papel valorativo atribuído à religião, pois a compreendem atrelada à família enquanto valor. Para Favaro (1996, p. 215), que estudou a relação entre gênero e cultura italiana, a “insistência” na abordagem da santidade inerente à figura e condição de mãe sugeriria que as relações familiares seriam mais competitivas e conflituosas do que afetivas e harmônicas. Nas memórias da família De Toni, há a citação de uma poesia que “Josephina declamou em suas apresentações” (DE TONI, 2002, p. 39-40). Josephina era uma das antepassadas da autora Adriane

Tessituras

Tomasin de Toni. Nessa poesia, há a narrativa da socialização por meio de simbologias religiosas:

Quando eu era pequenina
Que nem sabia falar
Já a minha mãe me ensinava
A Deus do céu adorar.

Entre beijos e carícias
A minha mãe me dizia:
Que o pai era no céu
E me ensinava
O seu próprio nome.
Entre beijos e carícias
Mostrando a imagem
Da Santa Virgem Maria
E o filho amado de Deus
Que da terra e do céu
Salvo o dia.

E quando o dia raiava
E quando o dia se escondia
Conduz a Vossa amorosa
Que a um anjo te parecia.

Tomando a minha mãozinha
E em nome de Jesus
Faço o Santo Sinal da Cruz:

Em nome do Pai
E do Filho
E do Espírito Santo
Amém (DE TONI, 2002, p. 39-40).

Embora a escrita se expresse de forma diversa entre os descendentes de italianos, a vivência religiosa, contudo, é um tema recorrente, seja porque em seus processos de socialização foram expostos a uma prática rotineira da religiosidade, seja porque esta lhes incentivou a uma forma de diálogo consigo mesmos e aos ritmos da vida (AZEVEDO, 1975), que extrapolam o próprio catolicismo em si, pois se mescla às suas próprias trajetórias de vida. Trata-se de uma condição humana delegada pelo cristianismo e que faz com que alguns desses indivíduos, mesmo não sendo mais praticantes, sigam as

diretrizes e normas por ele apresentadas como um estilo de vida, seja no passado ou entre os descendentes atuais.

Considerações finais

Até o momento, analisei cerca de trezentas obras produzidas por descendentes de imigrantes italianos. Nesses relatos, tanto a religiosidade como a família são temas recorrentes. Moradores ainda do meio rural ou dele tendo saído, os conflitos do trabalho, do dever e dos possíveis projetos pessoais não concretizados são muitas vezes invocados. Por que escrever? Não se pode negligenciar o poder da escrita na história ocidental (GOODY, 1968), e o quanto a palavra impressa, tornada pública, adquire um poder simbólico entre comunidades em que o domínio da escrita faz parte de um projeto de ascensão social.

Tendo emigrado pobres e analfabetos em sua grande maioria, trabalhando arduamente para fazer suas terras produzirem, visando pagar as dívidas com o governo brasileiro, possibilitar às gerações seguintes o privilégio de registrar suas histórias, com certeza é algo que merece ser valorizado. Em Silveira Martins⁹, por exemplo, no Monumento ao Migrante, há a presença de um homem mais velho segurando uma enxada e de um menino, sustentando um livro na mão, o que, simbolicamente, representa o caminho ascensional desejado pelo grupo. Como colonos italianos, camponeses, trabalhadores da enxada, foram, durante muito tempo, estigmatizados, de forma que o acesso à escrita e seus recursos significavam novas possibilidades classificatórias. O livro não representa somente um objeto de desejo, mas um marco positivo do processo migratório, um símbolo de ascensão, demarcador de origem e de valores. A religiosidade nele presente reforça o quanto tais valores foram e ainda são importantes para o

⁹ Localizada na região central do Rio Grande do Sul, esta cidade é considerada berço da colonização italiana em nível local.

grupo. A fé escrita, com certeza, é um desejo das gerações passadas para com as futuras, e deixá-la registrada, com certeza, reforça sua importância e apelo grupal.

Em suma, o que se observa no trato com essa literatura é que ela mereceria ser melhor estudada. Sua riqueza não está em seu estilo, mas sim nas expressões humanas que revela. Há trajetórias de vida intensas, conflituosas, há uma série de elementos que mostram o quanto as rupturas migratórias permanecem por entre as gerações e como o ato de escrever pode se tornar, de certa forma, uma possibilidade de encontro consigo mesmo e com suas origens, sejam quais forem.

Referências bibliográficas

ALVIM, Zuleika Maria F. **Brava gente!:** os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANCARANI, Umberto. Monographia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins 1877-1914. **Revista Comemorativa do Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria-RS 1814-1914** [S.l/s.d].

ARCHETTI, Eduardo (Org.). **Exploring the written:** Anthropology and the multiplicity of writing. Oslo: Scandinavian University Press, 1994.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos:** os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

BAREA, Dom José. **A vida espiritual nas colônias italianas do estado do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Edições EST, 1995.

BARTH, Frederik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BATTISTEL, Arlindo. **Colônia italiana:** religião e costumes. Porto alegre: EST, 1981.

BELLINASSO, Severino T. **As memórias de um imigrante italiano- 1913 a 1995.** Ivorá: [s.n.], 1995.

BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo:** entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BIASOLI, Vitor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870-1920)**. Santa Maria: Edufsm, 2010.

BUSANELLO, Pe. Pio José. **A história da nossa gente**. (A primeira história escrita de famílias de imigrantes italianos da Quarta Colônia Imperial- RS). Santa Maria: Pallotti, 1999.

CARLESSO, Oscar José. **A sonhada América: os Carlesso em Santa Maria (1877-1988)**. Porto Alegre: Ediytora Posenato Arte e Cultura, 1989.

COSTA, Rovílio. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: segunda impressão revista**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1986.

COSTA, Rovílio et al. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

DALMOLIN, Cátia. **Mordaça verde e amarela**. Santa Maria: Palotti, 2005.

DE BONI, Luis Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, Aldair Marli (Org.). **Migração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 234-255.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias, 1984.

DE TONI, Adriane Tomasin. **Família De Toni**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

DREHER, Martin (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST, 2002.

DUCATTI NETO, Antonio. **A vida nas colônias italianas**. Porto Alegre: Grafosul, 1979.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAVARO, Cleci Eulália. Mulher, sinônimo de trabalho: papéis sociais, imaginário e identidade feminina na Região Colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 211-229, 1996.

FOCHESATTO, Ilani. **Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/ Caxias do Sul: EST/UCS, 1977.

GALEAZZI, Pio Vitório. **Galeazza: um emigrante conta sua história**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRON, Loraine Slomp; HEREDIA, Vania. **Historia da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.
- GOODY, Jack (Org.). **Literacy in traditional societies**. Cambridge: University Press, 1968.
- GRANDO, Sergio Ângelo. **Girando la Stória**. Porto Alegre: EST, 1995.
- GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer: camponeses trentinos (venetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: EDUSC, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HERÉDIA, Vania. B. M. **O Mito do Padre entre Descendentes de Imigrantes Italianos**. Porto Alegre: Garfosul, 1979.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as ruínas da velha matriz**. Santa Maria: EDUFMS, 2007.
- LORENZONI, Julio. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2001.
- MOTTIN, Antônio. **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EST, [s.d.].
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986.
- SANTIN, Silvino; ISAIA, Antonio. **Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: EST, 1990.
- SCALABRINI, João Baptista. **Emigração italiana na América**. Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de brinde/UCS, 1979.
- SGANZERLA, Claudia Mara. **A lei do silêncio**. Passo Fundo: UPF, 2001.
- SPONCHIADO, Kuiz. **Crônicas da Colonização: a voz do planalto. Nova Palma**, Santa Maria, v. 5, n. 1, [n.p.], 1961.
- VESCIO, Luiz Eugenio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928**. Santa Maria/Porto Alegre: EDUFMS/EDUFRGS, 2001.

VENDRAME, Zaira Inês. “Lá éramos servos, aqui somos senhores”. Santa Maria: EDUFMSM, 2007.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Ed.Unb, 1994. v. 1.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, Cátia (org.). **Mordaca verde e amarela**. Santa Maria: Palotti, 2005. p.113-128.

_____. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: EdUFMSM, 2006.

_____. Fé, trabalho e família: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. **Revista USP**, São Paulo, v. 72, p. 161-170, 2007.

_____. Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (BRASIL). **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 13, p. 140-163, 2008.